Reajuste: maio chegou e queremos respostas Página 4

Memória Sinprosm: Zilá Pozzobon Página 7

Edição 211 |
Maio de 2018
Publicação do
Sindicato dos Professores
Municipais de Santa Maria

primeira classe

ELAS FAZEM O QUE PODEM

Sem suporte da Prefeitura, direções vão além de suas competências para ter estrutura nas escolas que garanta a aprendizagem

Páginas 4 e 5

Artigo: Os nativos e imigrantes digitais, por Cristina Rigão Página 6

Crônica em Rede: Márcia Segalla Contracapa

CARTA AO LEITOR

Como tudo na vida, nem sempre o que se planeja em primeiro lugar é o que resulta no final do processo. Para a edição de maio do Primeira Classe, a coordenação optou por dar enfoque principal à questão das condições de trabalho nas escolas, principalmente no que toca à infraestrutura. Queríamos denunciar as mazelas enfrentadas pelos colegas no dia a dia, onde não há respaldo da mantenedora e as escolas se deterioram.

No entanto, ao começar a conversar com as direções, percebemos que a realidade mais ou menos estabelecida não é a do teto caindo. As escolas, de forma geral, não estão feias. O problema maior é que no vácuo de uma administração pública que não dedica à educação o mínimo de investimento, aparecem as equipes diretivas (respaldadas pelas suas comunidades) que fazem o que podem para manter o teto no lugar, o jardim bem cuidado, as paredes pintadas. Na incapacidade da Prefeitura criar condições razoáveis, elas correm atrás da máquina e se orgulham do que tem conseguido fazer. Então, baseados nisso, invertemos a pauta: ao invés de mostrarmos mazelas, valorizaremos o trabalho das direções que não deixam o teto cair na cabeça de nossos alunos.

Nossa rede tem 78 escolas. Mostramos nesta edição oito casos, perto de 10% do total. Uma amostragem nem tão pequena, mas cheia de diversidade. Existem casos piores (ou melhores) distribuídos pelo município, mas esse não é o ponto principal. A pergunta que nos fica é como avançar se, em vez de dedicar-se à qualificação do ensino, as direções precisam ater-se a tapar o furo que é (ou deveria ser) de competência da mantenedora? Mas, ao mesmo tempo, se a mantenedora não tapa o furo, como ensinar com o teto caindo? Estamos em um paradoxo seríssimo. É isso que o liberalismo tem a oferecer à sociedade?

Isso tudo nos leva a outro ponto importante: e o nosso reajuste? Já se passaram dois meses da data-base e nenhum aceno. Como fez nos primeiros meses do ano, o Executivo ignora os ofícios da coordenação do Sinprosm e protela as negociações. Devemos ficar preparados, pois o diálogo não deve ser fácil. Isso se houver diálogo.

Acreditamos na força da nossa mobilização. Não sabemos em que momento será preciso bater coletivamente em portas de gabinete, mas devemos estar prontos.

CHARGE DO ELIAS

ESPAÇO JURÍDICO

WAGNER ADVOGADOS ASSOCIADOS

Esclarecimento sobre demanda relacionada ao saldo das contas do PASEP

O Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público – PASEP foi originalmente instituído pela Lei Complementar n. 08/70 com a finalidade de implementar uma espécie de poupança para os servidores públicos ativos através do creditamento anual de valores – as denominadas "quotas" – em contas individualizadas e administradas pelo Banco do Brasil.

Essa sistemática vigeu de dezembro de 1970 até a promulgação da Constituição Federal em outubro de 1988, quando a arrecadação do PASEP deixou de ser creditada aos servidores públicos sob a forma das "quotas" e passou a financiar o Programas vinculados aos trabalhadores Celetistas cadastrados ao PIS-PASEP.

Consequentemente, são devidos valores referentes ao saldo das contas nas quais houve o creditamento de "quotas" somente aos servidores públicos inscritos no PASEP anteriormente a outubro de 1988.

Para tais servidores, a liberação do patrimônio acumulado é autorizada em hipóteses restritas, tais como: aposentadoria, doenças graves previstas em lei, Amparo Social, invalidez, dentre outras hipóteses.

Ocorre que, por ocasião do saque dos valores em razão da ocorrência de uma das hipóteses supracitadas, pode ter havido o repasse de valores inferiores aos efetivamente devidos se observados os critérios específicos de creditamento.

Considerando essa possibilidade, os servidores públicos inscritos no PASEP até outubro de 1988 que tenham efetuado o saque das suas contas vinculadas no último quinquênio – e mesmo aqueles que ainda não o tenham feito – podem comparecer aos plantões jurídicos ofertados pela entidade para maiores esclarecimentos ou eventuais encaminhamentos.

Para tanto, o ideal é que os interessados estejam munidos de extrato referente a integralidade da vigência da sua conta PASEP, que pode ser obtido junto ao Banco do Brasil.

CAMPANHA SALARIAL

PRAZO ESGOTADO

Dois meses depois do mês determinado para a revisão salarial, Pozzobom ainda não deu qualquer retorno ao funcionalismo

A coordenação do Sinprosm enviou ofício à Casa Civil da Prefeitura no dia 8 de maio solicitando agendamento de reunião com o prefeito Jorge Pozzobom (PSDB) para que a administração municipal apresente o índice de reajuste para a categoria. A data-base para a revisão salarial anual dos servidores municipais é março.

Na reunião realizada no início de abril, o prefeito e sua equipe argumentaram que seria necessário avaliar o impacto das recentes nomeações de servidores, entre eles mais de 200 professores municipais, no índice de pessoal do Tribunal de Contas do Estado. O TCE fecha o índice de pessoal por quadrimestre, sendo o primeiro encerrado ao final de abril. Até o dia 21 de maio, o Sinprosm não recebeu qualquer contato para a abertura de negociações.

Os recados têm surgido pela imprensa. Na edição de 12 de maio do Diário de Santa Maria, dois dias após a publicação da nota em que o Sinprosm requer novo encontro com Pozzobom, a coluna da jornalista Jaqueline Silveira avalia que, a julgar pela prévia da Lei de Diretrizes Orçamentária para 2019 divulgada durante a semana, as finanças do município "não vão bem" e o reajuste deve ficar "bem abaixo do reivindicado pelos servidores". Traz ainda afirmação do secretário de Finanças Jean-Pier Esquia em que alerta para a necessidade de aumento de receita para que não haja risco de atraso nos salários.

O 'alerta' do secretário deve ter como alvo ele próprio, responsável pelo caixa do município, e não para o funcionalismo municipal. A formulação de estratégias para o aumento de receita passa por suas mãos. Aos servidores, e suas entidades representativas, cabe exercer suas funções e lutar pelos seus interesses. "O Sinprosm mantém a reivindicação de 15,5% por que o piso salarial nacional é o seu direito, bem como receber seu salário em dia. Não abrimos mão de nenhum deles", afirma Martha Najar, coordenadora de Organização e Patrimônio.

Prefeitura não deu nenhum andamento às pautas levadas pelo Sinprosm à reunião de abril

PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

Na reunião com a administração municipal em abril, a coordenação do Sinprosm reiterou a necessidade de discutir o terço de carga horário para atividades extraclasse, como também estabelece a Lei do Piso Nacional. Pozzobom determinou que o assunto seja tratado diretamente com a Secretaria de Educação. Após reiterados questionamentos posteriores por parte do sindicato, uma reunião aconteceu em 27 de abril na Secretaria de Educação, quando ficou acertada a criação de grupo de trabalho para avançar no tema.

O GT será formado por representantes do Sinprosm, SMEd, Conselho Municipal de Educação e dois diretores de escolas. "Ficou consensuado que o objetivo será uma política contínua, e não paliativa, para o planejamento pedagógico, de forma que não haja a cada início de ano letivo uma angústia em torno da falta de planejamento", afirma a coordenadora de Comunicação e Formação Sindical, Celma Pietczak.

Apesar da afirmativa da secretária Lúcia Madruga de que em até uma semana haveria oficialização de seus membros, nada foi encaminhado até o dia 21 de maio. A coordenação enviou novamente ofício nesta data, cobrando da SMEd a retomada da pauta.

SÓ HÁ UM PRESENTE CAPAZ DE FAZER UM FUTURO REALMENTE MELHOR: **A EDUCAÇÃO.**

Nos 160 anos de Santa Maria, nós, educadores da rede municipal, reafirmamos o **nosso compromisso com a educação,** que tanto precisa de atenção, de valorização e de investimentos. Isso porque sem ensino de qualidade e educadores valorizados, não haverá futuro digno.

SINDICATO DOS PROFESSORES MUNICIPAIS DE SANTA MARIA
Sinprosm
A FORÇA DOS EDUCADORES

Rua André Marques, 418 - Centro
(55)3223.0168 - (55)3025.5458
www.sinprosm.com.br
@sinprosmprofessoresmunicipais

CONDIÇÕES DE TRABALHO

FALTA DE ESTRUTURA É PROBLEMA DE QUEM?

Pedidos de melhorias se acumulam nas gavetas da SMEd enquanto direções fazem o que podem para manter as escolas em condições

Além de um muro torto, as vizinhas EMEI Eufrázia Lorenzi e EMEF São Carlos dividem um problema insolúvel de queda de energia elétrica

Deixar a casa em ordem é um desejo de 100% das pessoas. Na escola também é assim. Com uma diferença: quem vive na casa sabe das dificuldades de conviver no dia a dia com a goteira, o vazamento, a falta de água ou de energia e pode escolher quando e onde investir o recurso de que dispõe, por pouco que seja. Na escola, no entanto, quem decide está longe dessa realidade. Acaba caindo no colo de quem está lá dentro cotidianamente a obrigação de se virar para criar as condições necessárias para que a escola cumpra com sua função: educar crianças, adolescente e adultos. Não é tarefa fácil.

Os recursos escassos do Prodae (Programa de Desenvolvimento da Autonomia Escolar) não chegam nem perto de arcar com essas despesas, levando à proliferação de rifas, festas, risotos e outras iniciativas que visam tapar o furo deixado pela administração pública no cumprimento da sua função. "Se existe de fato alguma melhoria na infraestrutura é por causa das ações feitas pelas escolas, ainda que tenha o recurso da autonomia", confirma a diretora da EMEF Sérgio Lopes, Vanessa Flores.

ÁGUA E LUZ

O problema é que a solução caseira nem sempre é possível. Na Urlândia, a inoperância da mantenedora afeta o funcionamento e bem estar dos alunos de duas escolas. A EMEI Eufrázia Lorenzi e a EMEF São Carlos são separadas apenas por um muro, com a rede elétrica da primeira não sendo mais do que a extensão da segunda. Com a aquisição de novos equipamentos elétricos ao longo dos anos, a fiação tornou-se insuficiente para ambas. As sobrecargas são frequentes, ainda mais nos extremos das estações do ano: no inverno os aquecedores da EMEI derrubam a energia; o mesmo ocorre no verão, com o funcionamento dos ares-condicionados da EMEF. Após reparos pontuais e reforço nos disjuntores, não há mais como as escolas darem conta do problema por si próprias. "Isso gera para nós muita insegurança e receio de que aconteça um sinistro. Pensamos que precisa vir um especialista da prefeitura fazer uma avaliação e possível troca", relata a diretora da EMEF, Rosilane Lorenzoni. Os ofícios à SMEd acumulam-se nos dois lados do muro, sem resposta. "Os projetos de separação da rede estão prontos na SMEd, só falta fazer. Nem tentamos colocar ar-condicionado aqui, por que não adianta", conta a diretora da EMEI, Júlia Kruel.

Casos como esse se acumulam, mas no Passo das Tropas ganhou até contornos de crueldade. Por oito anos a EMEF João da Maia Braga solicitou a troca da caixa d'água e a estrutura que a suporta. Após a comunidade se mobilizar, inclusive na imprensa, para que as aulas não reiniciassem por receio de que a estrutura viesse abaixo, a administração municipal movimentou-se rapidamente para resolver o problema. No dia 23 de março, o prefeito Jorge Pozzobom assinou ordem de serviço para a obra, com prazo de 45 dias e custo de 6,5 mil reais. No final de maio, o trabalho ainda não começou e a escola carrega baldes e garrafas PET com água da vizinhança.

GESTÃO DEMOCRÁTICA

A Lei de Gestão Demorática define três pilares de autonomia: administrativa, financeira e pedagógica, todos tendo em vista a finalidade maior da educação: a aprendizagem. Porém, a realidade atropela a teoria. "Nessas condições, as questões administrativas e financeiras acabam tomando mais tempo das equipes do que as pedagógicas. O município usa a autonomia para se eximir de sua obrigação e passar a responsabilidade adiante", entende a coordenadora de organização e patrimônio do Sinprosm, Martha Najar,

Nas escolas a dúvida é a mesma. "Muitas vezes me questiono se é mesmo correto a gente ficar dando jeitinho. As aulas estão indo normalmente, mas o que a funcionária, as professoras e a direção passa ninguém sabe", reflete a diretora Nívia Correia, da EMEF João da Maia Braga.

CONDIÇÕES DE TRABALHO

OS BALDES DA CASA DA CRIANÇA

A EMEI tem problemas crônicos no telhado. Em 2015, uma intervenção provisória resolveu temporariamente as infiltrações. Posteriormente foram captados recursos para uma reforma estrutural profunda que acabou gerando mais problemas do que soluções. A diretora Rossonia Serafini conta que precisou atuar muitas vezes como fiscal da obra, desde a exigência de EPI's dos funcionários até itens previstos no projeto original. "Cheguei a perguntar para o fiscal para quem ele trabalhava, se para a prefeitura ou para a empresa". Após a entrega da obra, em dezembro de 2016, qualquer chuva resulta em alagamentos ainda piores do que os anteriores, onde baldes e mobília levantada já tem o seu lugar. "Inunda em todas as chuvas, sem exceção".

A escola está agora ampliando a área coberta no pátio com recursos de promoções próprias.

O MURO DA SÉRGIO LOPES

Em um "dia de desespero" em 2016, a direção da EMEF foi até a obra do novo shopping, na vizinhança da Vila Renascença, pedir restos de material de construção. Após uma troca de e-mails com a construtora, conseguiram bem mais: aterro para o pátio, equipamentos de cozinha, louça, talheres, tela, redes de proteção, equipamentos básicos para o funcionamento após a sua devolução da Associação Vicente Palotti para o município em 2015. Em grande medida, a escola conseguiu se estruturar com base em parcerias. "Nem sei dizer quantas pessoas já nos ajudaram", conta a diretora Vanessa Flores. A última vitória foi a conquista junto ao shopping do projeto de 100 metros de muro, para isolar a escola do arroio, de onde saem insetos e animais rastejantes. "Estamos aguardando a captação de recursos", confirma.

A CAIXA D'ÁGUA DA JOÃO DA MAIA BRAGA

A novela do abastecimento de água da escola do Passo das Tropas já esteve em todos os meios de comunicação, mas a solução não veio. Com a estrutura deteriorada, a caixa d'água precisou ser retirada no início do ano e até agora não reposta, causando permanentes problemas. "Falta água o tempo inteiro. Tem que estar buscando nas casas, nos poços, do ar-condicionado. Para banheiro, para a cozinha, para tudo", relata a diretora Nívia Correia. Uma licitação emperrada não dá perspectiva imediata para a obra de 6,5 mil reais.

Festas, rifa, risotos e doações conseguem manter a escola em dia, como as recentes reformas nos banheiros, refeitório, troca de pisos e outros reparos menores. "Tirando tintas que ganhamos para uma pintura ou alguma mão de obra, tudo que fizemos foi por nossa conta", resume. "Parece até que a gente acostuma com a dificuldade".

O LABORATÓRIO DA SÃO JOÃO BATISTA

As quedas de energia passaram a ser comuns na escola da Vila Brenner. Após pequenos paliativos de amigos da escola, diferentes eletricistas diagnosticaram que seria necessário uma separação da rede com reforço da fiação, para que os ares-condicionados e o laboratório de informática possam ser ligados ao mesmo tempo. O investimento necessário: 9 mil reais. Foram protocolados vários pedidos na SMEd, sem sucesso, com o alerta para o risco da rede sobrecarregada. Por isso, os 14 computadores estão parados desde o ano passado. Ao mesmo tempo, programas de educação tecnológica foram ofertados para escola. "Como vou aderir a um programa com verba se tenho problema na luz e a sala está parada?", questiona a diretora Luciéli Leal.

O ESPAÇO NA LUIZINHO DE GRANDI

Na Cohab Santa Marta, sobra criança e falta vaga. Com uma estrutura antiga, o prédio da EMEI Luizinho de Grandi tem salas pequenas, abrigando turmas com número de alunos abaixo do possível. O Maternal 1, onde poderia ter até 18, comporta atualmente 15 alunos. "A prioridade é a qualidade. Não adianta enchermos uma sala sem pensar no bem estar das crianças", entende a diretora Andreia Buss de Castro. A falta de espaço no prédio afeta também a questão administrativa e pedagógica, como a realização de reuniões dentro da pequena sala da direção. Um projeto de ampliação, elaborado pelo então vereador Sérgio Cecchin, praticamente dobraria a capacidade da escola. Segundo a diretora, existe também recurso para a acessibilidade guardado a quatro anos, sem utilização.

O REFEITÓRIO DA ANTÔNIO AMARAL

Sem refeitório apropriado, a EMEF de Camobi precisa crescer. Para isso, sua direção tratou de investigar. Primeiro descobriu que o terreno baldio atrás da escola era do município. Depois, buscou caminhos para que o município doasse a área para a escola. Para murá-lo, foi necessário a compensação de uma multa de empresa da região. Agora, com a área fechada, falta construir. A necessidade existe. "Sentar para fazer uma refeição é básico. Na hora do lanche eles precisam comer no colo ou em pé", conta a diretora Ana Lígia Mesquita.

Mas ainda não é a única necessidade. A cobertura da quadra é promessa de anos e fora do alcance, pelo valor envolvido. Para custear a cobertura da entrada da escola, uma obra muito menor, foram oito anos de economia. "Tem coisas que conseguimos, outras não dá", avalia a diretora.

ARTIGO

ENTRE NATIVOS E IMIGRANTES DIGITAIS: REPENSANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA

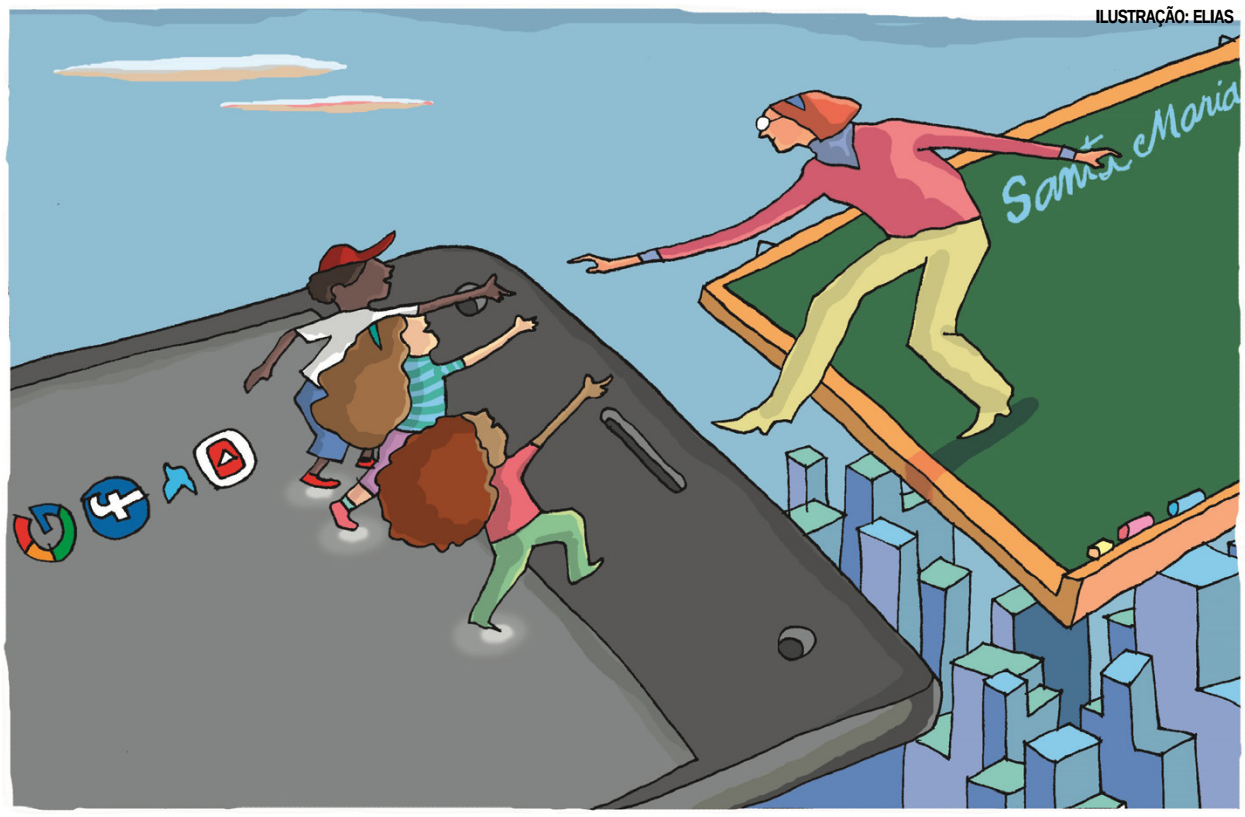


ILUSTRAÇÃO: ELIAS

O mundo que nos cerca está repleto de inovações tecnológicas, são computadores, vídeo games, celulares, tablets e outras ferramentas da era digital. Os avanços que nos deparamos no dia a dia possibilitam novos modos de ler, interpretar e se comunicar.

Autores que estudam as relações das novas gerações com o mundo das tecnologias vêm produzindo expressões com as quais tentam definir os traços culturais que as caracterizam. Os "Nativos Digitais" (PRENSKY, 2001), por exemplo, são aqueles que nasceram depois de 1980 e sempre tiveram acesso às tecnologias, o que permite que eles tenham habilidades surpreendentes em usá-las. Estes jovens apresentam uma tendência para as multitarefas, realizando mais de uma coisa por vez. Preferem acessos aleatórios, como o hipertexto, e trabalham ligados a redes de contatos. Para eles, as tecnologias digitais são os principais mediadores das conexões com o mundo.

Prensky afirma que o maior problema que a educação enfrenta hoje é que os professores destes jovens são "Imigrantes Digitais", ou seja, não nasceram no mundo digital, mas em alguma época adotaram os aspectos da era da tecnologia e tentam ensinar uma população que tem uma linguagem totalmente nova.

Os nativos digitais estão constantemente conectados, fazendo com que tenham uma imensa rede de amigos, tanto no espaço real, quanto no virtual. Fazendo amizades com pessoas que jamais seria possível no mundo off-line.

Diante deste panorama, nossas escolas continuam usando basicamente a mesma estratégia de educação para tentar sensibilizar os nativos digitais a aprender, quando sabemos que é preciso muito mais do que quadro, giz e cadeiras e classes dispostas uma atrás da outra para que isto ocorra. Não vamos ignorar a arquitetura que temos, mas podemos propor uma dinâmica diferente com liberdade e partilha de conhecimento, proporcionada por materiais analógicos e digitais que hoje já estão disponíveis nos ambientes escolares, propiciando assim novas formas de aprender.

Se usarmos como exemplo um dispositivo móvel, que hoje 70% dos jovens dispõe, é possível termos várias funções, como produzir, editar, compartilhar em redes os textos, sons e imagens, viajando pelo mundo virtual, e ao mesmo tempo movimentando-se pelo mundo físico. Temos que lançar mão de todas essas potencialidades em nossa prática docente propiciando a autoria, a colaboração, e a interatividade para pesquisar, aprender e ensinar.

Não é tarefa fácil propor inovações em um espaço onde nossos jovens são "nativos", mas nós educadores temos a vivência, que nos ensinou que o planejamento é a essência de uma boa prática. Há muito tempo deixamos de ser os "detentores do saber" e passamos a ser os mediadores das experiências, com o objetivo de propor práticas que possam levar a aprendizagem efetiva.

Mas também não podemos cair no erro de achar que usando o power point nas aulas estamos sendo "atualizados", o máximo que estamos fazendo é demonstrando a nossa falta de criatividade e percepção, pois estaremos apenas apresentando a mesma aula/conteúdo com uma ferramenta diferente.

Temos a nossa disposição inúmeros aplicativos, jogos educativos e ambientes virtuais de aprendizagens. Escolha um e navegue nele à vontade, tire suas dúvidas, pergunte aos colegas, pergunte ao google (nossos jovens fazem muito isto) e pense em uma aula em que você e seu aluno vão poder aprender juntos. Os ambientes digitais têm a característica de ser intuitivos, possibilitando que você vá aprendendo sua usabilidade à medida que navega por ele.

Escolha um ambiente virtual de aprendizagem - AVA e organize as atividades escolares da sua disciplina nele, podendo ser desenvolvidas pelos alunos durante as aulas, no laboratório de informática da escola ou em casa como uma atividade extra. Entre os AVAs disponíveis de forma gratuita e de fácil organização indico o Google Class Room, o Edmodo e o Tidea. Cada um tem suas características próprias, mas ambos possibilitam a interação/interatividade desejável em um ambiente pedagógico.

A reflexão que proponho é sobre coerência. Se nós fazemos uso contínuo do WhatsApp e do Facebook para conversar com amigos e colegas, nos mantemos atualizados e muitas vezes planejamos nossas vidas através destas redes, por que quando chegamos na sala de aula pegamos um giz e enchemos o quadro, ignorando as tecnologias digitais que nos rodeiam? E não estou falando em deixar o aluno usar o celular em sala de aula (o que tem uma lei municipal que proíbe), estou propondo um repensar de nossas práticas, para nos apropriarmos de novas possibilidades que podem facilitar e enriquecer o fazer pedagógico. Comece com passos pequenos, mas comece, somos "imigrantes digitais", mas somos capazes de mudanças e de aprendizagens.

Eu te desafio: Proponha para sua turma uma prática envolvendo tecnologia digital.

Obs.: Quem quiser me contar sua prática, é só entrar em contato mcriop@gmail.com, vou adorar ouvir. Site: http://mcriop.wixsite.com/cristinaiop

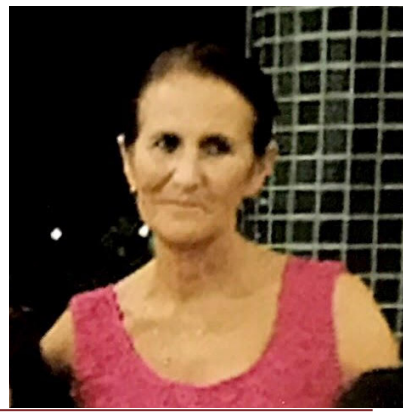
Maria Cristina Rigão Iop
Professora municipal
Doutoranda em Educação na UNISC

REFERÊNCIA

PRENSKY, M. Digital Native, digital immmigrants. Digital Native immigrants. On the horizon, MCB University Press, Vol. 9, N.5, October, 2001. Disponível em: < https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf >. Acesso em: 09 de maio de 2018.

Memória Sinprosm

ZILÁ POZZOBON, A AGREGADORA



Sempre rodeada de amigos, trouxe para o Sinprosm muitas das lideranças que marcaram história na entidade

Desde o movimento de fundação até os dias de hoje, difícil apontar alguma ação importante do sindicato em que a pedagoga não tenha sido presente. Nascida no interior de Santa Maria e com carreira marcante nas escolas rurais, Zilá mantém-se na ativa, mesmo que já gozando da merecida aposentadoria

IDA E VOLTA DA ESCOLA

Nasci em Santa Maria, na localidade de Três Barras, que na época pertencia ao distrito de Itaara. Estudei na Escola Maria Deolinda Segalla, perto de casa, até o 4º ano. Fiz o curso admissão na Escola Cilon Rosa até o 6º ano e desisti de estudar. Voltei pro sítio e fiquei fazendo os trabalhos manuais que aprendi no colégio por muitos anos, até que com 20 anos decidi que precisava voltar a estudar. Fiz o supletivo em dois anos e passei. Terminei o segundo grau em Concórdia/SC e depois, com incentivo da minha madrinha, fui a Júlio de Castilhos para o Centro de Formação de Professores terminar as matérias pedagógicas do magistério.

40 ANOS DE MUNICÍPIO

Antes de terminar a formação, em 1975 eu já estava dando aula na escola onde comecei a estudar, em Três Barras, só com o primeiro grau praticamente, como muitas na época. Sozinha dava aula do 1º ao 4º ano e fazia merenda. Depois da conclusão do magistério, passei direto no vestibular para pedagogia na UFSM, e trabalhava meio turno em Itaara, ainda município de Santa Maria. Primeiro na Escola Santos Dumont, depois na Olaviense. Em 1990 fiz o concurso e assumi mais 20 horas. Trabalhei também na Nehyta Ramos, até a emancipação de Itaara em 1996. Depois da transição, fiquei no EMEF Intendente Manoel Ribas até me aposentar na primeira matrícula em 1998, e no Lidovino Fanton. Durante anos fiquei suplementando nas 20 horas restantes, até me aposentar definitivamente em 2015.

FUSQUINHA AZUL

Sempre me chamavam para suplementar por que eu conhecia todo mundo em função da criação do nosso sindicato. Foi uma história bem curiosa. Uma turma grande de Santa Maria tinha passado no concurso do Estado e foram chamando gente depois da nossa classificação. Essa turma que ficou fora foi se descobrindo e se reuniu no Olavo Bilac para contratar um advogado para nos defender. A partir desse grupo, foram se juntando outros professores e começamos a discutir a formação de um sindicato. Com o fusquinha azul da Rosmari Pedrollo, comecei a visitar as escolas para ver se nos apoiavam. Nesse tempo, fazia 20 horas em Itaara e conversamos com muita gente, alguns não nos davam bola, mas a maioria achava que precisávamos ter uma entidade que nos representasse. A reunião de fundação teve muita gente por que a gente trabalhou!

DO PRÓPRIO BOLSO

Nesses quase 30 anos do Sinprosm, só não fiz parte da coordenação em três mandatos. Na coordenação provisória fiquei na coordenação das escolas da zona rural, que incluía distritos que hoje são cidades como Itaara, Dilermando de Aguiar e São Martinho da Serra, e Camobi. Até a prefeitura começar a nos passar a contribuição dos professores, cada um dava com um pouquinho para comprar folha, telefone, gasolina, e o Sindicato dos Bancários nos ajudou muito. Mesmo depois, a prefeitura não tinha data certa para nos repassar e eu emprestava para pagar as contas que venciam antes.

MUDANÇAS

Muitas pessoas passaram pelo sindicato, em cada gestão algumas se afastavam e se agregavam outras. Nunca quis ser cedida, mas sempre participei das assembleias, caminhadas. Tivemos muitas conquistas a partir das ações do sindicato, dos aumentos, melhorias nas escolas, plano de carreira. Hoje as escolas são superequipadas perto de como era quando começamos a trabalhar, antes tínhamos um quadro e uma caixa de giz. Em Itaara não tinha nada, quando saí de lá que juntamos dinheiro para comprar um freezer para a escola, um grupo ajudava a escola, fazíamos festas para complementar a merenda, ajudar alunos pobres, comprar material escolar.

APOSENTADORIA

Agora me aposentei, mas ainda estou no sindicato. Antes as nossas assembleias eram sempre lotadas, as primeiras davam até arrepio de ver o tanto de gente que tinha. Agora parece que as pessoas estão desinteressadas, de alguns anos para cá. Por isso estamos tentando retomar a participação Eu sempre gostei, mesmo quando não precisava estava no sindicato para ficar a par do que acontecia. As professoras novas até têm demonstrado interesse de se sindicalizar, mas tem que tentar saber como o sindicato pode representar, o que pode agregar, dar ideias novas. Precisamos de motivação para participar, não adianta essa ideia de que umas vão lá e decidem por todas. Quanto mais nos juntamos, mais coisas conseguimos.

Coordenação 1993/1996, com Zilá em pé ao centro, de blusa listrada

Edição 211 |
Maio de 2018
Publicação do
Sindicato dos Professores
Municipais de Santa Maria

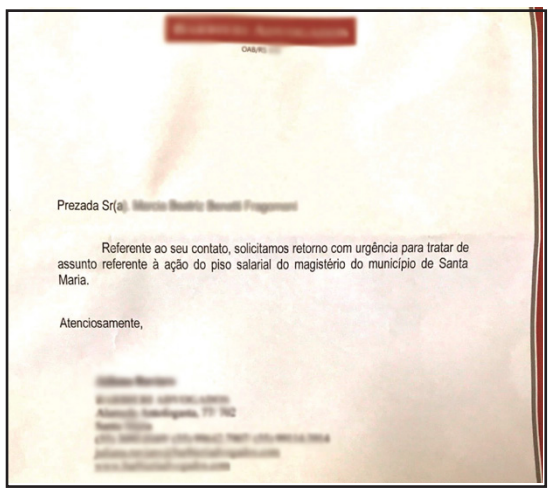
primeira classe

MARCADA REUNIÃO DO CONSELHO DE REPRESENTANTES

A coordenação do Sinprosm está convocando a primeira reunião do Conselho de Representantes da gestão. Será no dia 28 de maio, segunda-feira, às 18 horas, na sede do sindicato.

O Conselho de Representantes é um órgão consultivo, que visa democratizar as atividades e ampliar a participação da categoria dentro dos locais de trabalho. Os professores de cada escola devem indicar um representante, eleito por voto direto, que será o elo de ligação entre a entidade e os colegas no local de trabalho. "A coordenação acredita que a reativação do conselho será uma forma de aproximar a categoria da entidade, com troca permanente de informações e ideias", explica a coordenadora de Comunicação e Formação Sindical, Celma Pietczak.

FIQUE ESPERTO, PROFESSOR!



Prezada Sr(a). [illegible]

Referente ao seu contato, solicitamos retorno com urgência para tratar de assunto referente à ação do piso salarial do magistério do município de Santa Maria.

Atenciosamente,

No último mês diversos colegas procuraram informações junto ao Sinprosm sobre uma correspondência enviada às suas residências, taxada como urgente, em que um escritório de advocacia sediado em Santa Maria estaria supostamente retornando um contato realizado pelo professor com relação à ação do piso salarial.

A carta (reproduzida ao lado) vem acompanhada de ficha cadastral, procuração e contrato de honorários. Tal expediente é uma forma eticamente questionável e ilegal de captação de clientes. O Sinprosm já encaminhou denúncia na OAB contra o escritório em questão.

A coordenação informa que existe uma ação coletiva, ajuizada pelo sindicato, que trata do piso nacional. Esta ação tem decisão em primeira instância a favor do nosso pleito, que agora aguarda decisão em segunda instância. O processo pode ser acessado pelo site do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul: http://www.tjrs.jus.br. No campo acompanhamento processual, insira o número do processo: 027/1.11.0013547-2.

CRÔNICA EM REDE

O INGLÊS, O AMOR E EU

A paixao pelo Inglês começou desde tenra idade. Ouvia Beatles, na velha eletrola, e cantarolava "Yellow Submarine" com certa intimidade como se já conhecesse os fonemas da língua. Nem alfabetizada ainda estava mas sentia-me atraída por aquele som diferente. E essa paixão só crescia e cada vez mais buscava músicas, que me fizessem entender esse fascínio. Na quinta série tive minha primeira aula de inglês: "Good afternoon, disse a teacher!" Bingo! era isso que eu queria ser, uma professora de inglês. Aos 15 anos, fui conhecer a Terra do Tio Sam, o sonho da Disney se tornava realidade e com ele a chance de ter contato direto com "native speakers" e falar inglês. E veio a faculdade, já sabia até qual seria a música de entrada na solenidade de formatura: "I just call to say I love you." Sempre transmiti aos meus alunos a importância de saber um segundo idioma, de desenvolver as habilidades de uma língua estrangeira (ouvir, falar, ler e escrever) de compreender pelo menos o básico das estrututas. Não podemos ficar só no "enrolation" ou no "the book is on the table" caso contrário, poderemos cometer a mesma gafe do Presidente da França, recentemente. Ele usou a palavra "delicious" para se referir a esposa do primeiro ministro australiano, que em inglês significa deliciosa, excitante enquanto a palavra francesa "délicieux" pode siginificar delicada, agradável.

Márcia Segala
Professora de inglês aposentada da rede pública municipal

Participe do Crônica em Rede do Primeira Classe! Envie seu texto com até 1.800 caracteres para sinprosm@gmail.com

SINDICATO DOS PROFESSORES MUNICIPAIS DE SANTA MARIA
Sinprosm
A FORÇA DOS EDUCADORES

CNPJ: 92458835/0001-08
Rua André Marques, 418. CEP: 97010-040
Santa Maria - RS
Contato: (55) 3223-0168 \ 3025-5458

COORDENAÇÃO:
Martha Izabel Pauler Najar, Juliana Corrêa Moreira, Vera Terezinha Simon Monte, Silvana Peruzollo, Celma Pietczak e Leda Marzari

Mala Direta Postal
Básica
9912342496/2014 - DR/RS
SINPROSM
CORREIOS

PRODUÇÃO, FOTOGRAFIA, REDAÇÃO, REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO:

Paulo André Dutra - MTB 13.987

Impressão: Jornal Gazeta do Sul
Tiragem: 2.200 exemplares